

# **BELL HOOKS: PEDAGOGIA ENGAJADA, PENSAMENTO CRÍTICO E PRÁTICA DA LIBERDADE**

## **[BELL HOOKS: ENGAGED PEDAGOGY, CRITICAL THINKING AND THE PRACTICE OF FREEDOM]**

**Cristiane Maria MARINHO**

Professora de Filosofia (MASS-UECE),  
Doutora em Filosofia (PPGFIL -UFG).

E-mail: cmarinho2004@gmail.com

### **Resumo**

O presente artigo apresentará um recorte do pensamento de bell hooks, tendo como fonte um dos livros de sua trilogia pedagógica, *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. O objetivo é situar seu envolvimento com o ensino enquanto criança crescida na sociedade segregacionista dos Estados Unidos e, já adulta, nas faculdades para brancos e, também, como esse envolvimento a sensibilizou e a fez compreender o poder do conhecimento e a levou à escolha de uma educação para a prática da liberdade. A partir desse contexto, serão caracterizadas suas principais propostas para um ensino crítico: pensamento crítico, pedagogia engajada, sabedoria prática, enfatizando também seu contraste com a educação neoliberal.

### **Palavras-chave**

Pensamento crítico, pedagogia engajada, sabedoria prática, bell hooks, educação libertadora.

### **Abstract**

This article will present an excerpt of bell hooks' thinking, having as source one of the books of his pedagogical trilogy, *Teaching Critical Thinking: Practical Wisdom*. The objective is to situate her involvement with teaching as a child growing up in the segregationist society of the United States and, as an adult, in colleges for whites and, also, how this involvement sensitized her and made her understand the power of knowledge and led her to choose an education for the practice of freedom. From this context, its main proposals for critical teaching will be characterized: critical thinking, engaged pedagogy, practical wisdom, also emphasizing its contrast with neoliberal education.

### **Keywords**

Critical thinking, engaged pedagogy, practical wisdom, bell hooks, liberating education.

### **Introdução**

Bell hooks é enfática ao afirmar que o ensino, em seus diversos níveis, tem sido moldado pela política patriarcal imperialista, capitalista e supremacista branca. A essa afirmação acrescento a especificidade do ensino que, a partir da década de 1980, segue as determinações do neoliberalismo e prossegue em marcha acelerada e sempre se ampliando por todos os continentes. Para esse ensino marcado pelo neoliberalismo, a educação é e deve ser mero capital humano.



Nessa perspectiva neoliberal, a educação deve formar o aprendiz e o estudante em um empreendedor, o qual tem em si próprio uma empresa a se constituir eficaz e concorrente de outras empresas que são, também, as pessoas ao seu redor. Viver é conquistar, pela concorrência, a vitória de ser empresário bem sucedido e, ilusoriamente, pelo esforço pessoal. Há que ser um campeão, empresário bem sucedido, nunca um perdedor, conforme os padrões do neoliberalismo.

As relações sociais, então, passam a ser pautadas na competição destruidora do outro, na formação de uma subjetividade individualista e em uma educação voltada para a eficácia da competição empresarial. A escola neoliberal perfaz um modelo escolar que considera a educação como um bem privado e cujo valor é, antes de tudo, econômico. Ela também não assegura o acesso universal e gratuito à cultura, pois se encontra em um contexto de privatização da educação e, por isso, as despesas educativas devem ser rentáveis, pois, a escola agora se destina à satisfação das empresas que se utilizam do “capital humano”. Essa nova ordem educativa se orienta pela competitividade econômica, pelo mercado e se estrutura pela forma da empresa.

O novo ideal pedagógico é a formação de alunos empresários de si em concorrência com outros alunos empresários para responder à necessidade de mão de obra de uma economia empresarial. A escola passa, então, a ser vista como uma empresa e a funcionar como tal, onde devem imperar os princípios de eficácia, o controle dos custos e, tendenciosamente, o controle ideológico: “[...] a escola é, cada vez mais, vista como uma empresa entre outras, compelida a seguir a evolução econômica e a obedecer às restrições do mercado” (LAVAL, 2004, p. 13). Então, a eficácia, os mecanismos de mercado e os métodos de gestão inspirados na lógica empresarial passam a nortear o funcionamento da escola (cf. MARINHO, 2020).

É nesse contexto que a importância do pensamento de bell hooks sobre a educação se torna ainda mais significativa diante dessa realidade de uma educação neoliberal contemporânea, pois se nesta impera os interesses econômicos, na pedagogia engajada como prática de liberdade, proposta por hooks, prevalece valores que se distanciam da imperiosa economização neoliberal. Como será visto adiante, aí prevalecem: o cultivo do pensamento crítico, da liberdade, da igualdade racial e de gênero, da democracia; a defesa da persistência das conquistas dos direitos civis e da educação como prática de liberdade; a valorização do coletivo e dos sentimentos para a aprendizagem, bem como do reconhecimento da importância do humor, da imaginação, das singularidades e da pluralidade dos pensamentos e seu compartilhamento.

Essas são somente algumas das peças-chaves da pedagogia engajada proposta por hooks, dentre outras tantas questões fundamentais para a sobrevivência da democracia e do espírito republicano diante do neoliberalismo que se espalha mundialmente. Posso até afirmar, sem medo, que podem ser armas de combate ao próprio neoliberalismo. É nesse sentido que o pensamento da filósofa se impõe fundamental no enfrentamento à pauperização humana imposta pelo capitalismo neoliberal e daí a importância de tomarmos conhecimento dele e, talvez, nos permitirmos sentir algum perfume de esperança.

## **1. Hooks: a menina, a mulher, a educação, a luta e o livro**

Bell hooks é a voz de escritora de Glória Jean Watkins, nascida em 1952, em Kentuck, ao sul dos Estados Unidos. Nos anos 1950, Glória iniciou seus estudos nas escolas segregadas estadunidenses, realidade que poderia ter levado hooks a uma postura de não contestação sobre a exclusão racial. Mas não aconteceu assim, pois, segundo



declaração de hooks, na escola só para negros em que estudava, havia professores comprometidos não somente com uma “boa educação” que oferecesse conhecimento e formação profissional, mas também com “uma formação que incentivava o compromisso contínuo com a justiça social, especialmente com a luta por igualdade” (hooks, 2020, p.23). A experiência escolar nesse universo educacional resultou em uma “percepção da escola como lugar onde o desejo de saber poderia ser alimentado e crescer” (hooks, 2020, p. 23) e, ao mesmo tempo, servir para a luta contra o preconceito racial. Compreendeu, então, que a educação era o caminho para a liberdade.

Entretanto, a experiência com uma educação libertadora nos primeiros anos de formação escolar foi interrompida ao ingressar no ensino médio e na universidade. Na faculdade, com alunos predominantemente brancos, os professores eram racistas e autoritários na sua maioria: “[...] professor que não acredita que você é totalmente humano. [...] professores que acreditam pertencer a uma raça superior e sentem que não deveriam ter de se rebaixar dando aulas para estudantes que eles consideram incapazes de aprender” (hooks, 2020, p. 24). Nem mesmo a luta pelos direitos civis, que marcou essa época, dava fim ao racismo e, nem tampouco, ao machismo dos seus professores da graduação.

Apesar da promessa de “uma nova era de igualdade e educação democrática, [...]”, as velhas hierarquias de raça, classe e gênero permaneciam intactas” (hooks, 2020, p. 25). Para hooks, era um momento paradoxal: podia estudar, mas se sentia cerceada pelo autoritarismo e exclusão por parte dos professores. Sobrava medo, mas havia uma vontade corajosa de aprender.

Foi a vontade de ser escritora que levou Glória a concluir que o melhor caminho para essa atividade era ser professora. E apesar de todo o trajeto de aluna enfrentando o autoritarismo docente, ela teve professores que educavam para a prática da liberdade. Como diz Fanon, um espelho também pode se tornar uma janela, e foi assim que ela quis seguir o exemplo desses professores e se tornar, segundo ela, “uma professora que ajudasse os estudantes a serem aprendizes autônomos” (hooks, 2020, p. 25). E pela influência de professores e professoras, brancos/as e negros/as, compreendeu o poder do conhecimento e escolheu educar para a prática da liberdade. E passou, segundo diz, para o “amor ao magistério”.

Foi todo esse atravessamento pessoal e intelectual que a levou também a querer escrever sobre o ensino, já como bell hooks, não abandonando seus escritos sobre teoria feminista e crítica cultural, mas sim explorando as “conexões entre pedagogia engajada e questões de raça, gênero e classe social, bem como o impacto do trabalho de Paulo Freire em suas reflexões” (hooks, 2020, p. 26). A escrita sobre a educação resultou em uma trilogia: o primeiro volume é de 1994, intitulado *Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade*; o segundo volume, *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, surge em 2003; o terceiro livro dessa trilogia é de 2010 e traz o título *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. É a este último que dedicaremos uma atenção especial nesta exposição, enfocando a relação entre pedagogia engajada, pensamento crítico e sabedoria prática.

Segundo hooks, essa trilogia possibilitou que ela se dedicasse apaixonadamente a mostrar, para professores e estudantes, a união entre teoria e práxis na busca de uma sabedoria prática. O último livro da trilogia, diz hooks, tem uma abordagem mais direcionada para o exercício prático do ensino e da aprendizagem. *Ensinando pensamento crítico...* foi uma resposta às questões mais práticas apresentadas por professores e alunos e, por isso, tem uma preocupação menos acadêmica, diversamente dos outros dois livros da trilogia que são compostos como coletânea de artigos. Diz hooks: “[...] destaquei



questões e preocupações que professores e estudantes me apresentaram, e respondi a cada uma com uma análise curta que chamei de ‘ensinamentos’” (hooks, 2020, p. 27). Contudo, são análises curtas que abrangem um largo espectro de questões que contemplam raça, sexo e classe social. Hooks afirma que, mesmo não tendo um tema central, “todos surgem do nosso desejo coletivo de compreender como transformar a sala de aula em lugar de engajamento forte e aprendizado intenso (hooks, 2020, pp. 27-28).

O livro *Ensinando pensamento crítico...* é composto por trinta e dois Ensinamentos, cada um trazendo um título que é desenvolvido em poucas páginas e sempre ligados à educação, ao pensamento crítico e à sabedoria prática, numa abordagem que eu chamaria de metalinguística, pois se dedica, ensinando, ao ensino do ensino, explorando muitas de suas possibilidades e impossibilidades, efeitos e contra efeitos sempre ensinados em uma perspectiva social, econômica, racial, de gênero e extrema e sensivelmente humana. E, como tantas vezes repetido ao longo do livro, questionando sempre “a política patriarcal imperialista, capitalista e supremacista branca”.

Para hooks, “pensar é uma ação” (2020, p. 31), uma atividade fundamental que leva o intelecto, pragmaticamente, a perguntar e a responder, em uma junção de teoria e prática. E o pensamento enquanto ação se configura também como um dos cerne do pensamento crítico. As crianças trazem consigo essa paixão de pensar e questionar livremente, mas são logo educadas para, nas palavras de hooks, conformidade e obediência, “a maioria delas é ensinada desde cedo que pensar é perigoso. [...] é melhor escolher obediência em vez de consciência de si mesmo e autodeterminação” (hooks, 2020, p. 33). Assim, a educação predominante é aquela que serve para repassar informação ao estudante e não o incentivar a pensar. Ou seja, raramente se tem ou se faz a educação como prática da liberdade, que é um pensamento como ação.

Por sua vez, a pensadora tem na pedagogia engajada uma estratégia de ensino que “tem por objetivo recuperar a vontade dos estudantes de pensar e a vontade de alcançar a total realização. O foco central da pedagogia engajada é capacitar estudantes para pensar criticamente” (hooks, 2020, p. 33). Assim, o pensamento crítico requer: 1) o envolvimento do aluno e do professor; 2) a alegria e o prazer de pensar em liberdade; 3) a abertura radical de pensamento, ou seja, nunca descartar outras possibilidades de pensamentos diferentes do seu; 4) ter a coragem de admitir que sua perspectiva de pensamento não tem todas as respostas para todas as questões; 5) a intensidade e o compartilhamento de ideias; 6) o reconhecimento por parte de todos alunos e professores da responsabilidade na criação e no funcionamento da comunidade de aprendizagem em que se está inserido.

Portanto, o norte do pensamento crítico deve ser aquele no qual educação e democracia andem juntos e que todos, indistintamente, tenham o direito de aprender. Contudo, para hooks, atualmente, as políticas públicas da área da educação estão sendo fragilizadas e desmanteladas pouco a pouco e apesar de terem sido conquistadas a duras penas, por meio das lutas dos direitos civis, promoveram o acesso relativamente igualitário de pessoas excluídas à educação. Nos tempos atuais, de ascensão e fortalecimento do neoliberalismo, temos um aumento de escolas particulares, o sucateamento das escolas públicas e o corte de financiamento para a educação pública, com o conseqüente aumento das discriminações e exclusões, de forma que a segregação com base em raça e classe social tem voltado a prevalecer. Esse retrocesso marca a política neoliberal dos anos 1990, e hooks chama a atenção para a fragilização das lutas dos movimentos sociais:

[...] os estudos afro-estadunidenses, os estudos sobre mulheres e os estudos culturais foram reformulados para deixarem de ser espaços progressistas dentro do sistema educacional, nos quais se pudesse debater liberdade e democracia; foram, em sua maioria, desradicalizados (hooks, 2020, p. 42).



Para essa pensadora, houve um enfraquecimento da educação democrática e do pensamento crítico em favor do fortalecimento da educação como investimento do capital e o ensino como base para o sucesso material. Nesse universo, fica desfeito o princípio de igualdade democrática em prol do fortalecimento da competição capitalista: “O futuro da educação democrática será determinado pela dimensão da vitória dos valores democráticos sobre o espírito da oligarquia que busca silenciar vozes diversas, proibir a liberdade de expressão e negar a cidadãos o acesso à educação” (hooks, 2020, p. 44).

Para hooks, é fundamental continuar perseguindo a educação como prática de liberdade, pois somente na democracia o aprendizado é valorizado e pensar e se expressar livremente é marca de cidadania. Nesse sentido, o que ela chama de pedagogia engajada pode promover a educação como prática de liberdade, pois nela temos ou devemos ter: maior interação entre estudante e professor fortalecendo a aprendizagem; estímulo e valorização da inteligência emocional; avaliação que valorize o aprendiz; promoção de atividades pedagógicas que fortaleçam a proximidade entre alunos e também entre alunos e professores, proporcionando uma sala de aula mais inclusiva, mais aprendizado e a criação de uma comunidade de aprendizagem na sala de aula; exercícios que envolvam o aluno de forma mais pessoal, como leitura em voz alta de pequenos textos para que se escute a voz do aluno; exercícios que encorajem a exposição do pensamento e a superação do medo e da vergonha de falar em público. Hooks resume bem tudo isso afirmando que a pedagogia engajada “ênfatiza a participação mútua, porque é o movimento de ideias, trocadas entre as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos na sala de aula” (hooks, 2020, p. 49).

O processo da aprendizagem coletiva promovida pela pedagogia engajada também ajuda a estabelecer a integridade do professor e do aluno, e a honestidade de permanecerem inteiros e radicalmente abertos em uma sala de aula. A filósofa lembra: “O sentido na raiz da palavra ‘integridade’ é inteireza. Assim, a pedagogia engajada cria uma sala onde estar inteiro é bem-vindo, e os estudantes podem ser honestos, até mesmo radicalmente abertos” (hooks, 2020, p. 49). A integridade propiciada pela pedagogia engajada promove nos alunos: o reconhecimento da singularidade e das características individuais; as falas corajosas; a abertura para diálogos; a valorização de diversas outras capacidades além da fala, inclusive o silêncio. Esse engajamento coletivo, promovido pela pedagogia engajada, racha a liderança centralizada no professor, criando uma liderança coletiva em que todos passam a liderar, contribuindo para a aprendizagem coletiva e incentivando o autodesenvolvimento e a autorrealização.

## 2. “Pensar é uma ação”

Hooks analisa que, nos EUA, a pedagogia crítica também tem por alvo questionar os preconceitos colonialistas impostos às formas de ensino e enfatiza que: “Os dois grandes movimentos por justiça social nos Estados Unidos que mudaram todos os aspectos de nossa cultura e causaram pequenas mas poderosas revoluções em nossa educação, são o movimento por direitos civis e o feminista” (hooks, 2020, p. 53). Para hooks, a militância por igualdade racial levou à dessegregação e às mudanças legais e aponta os ativistas do movimento *black power* como pioneiros em questionar a infiltração do racismo na educação que reforçava a supremacia branca, a qual ensinava ideologia de dominação às crianças brancas e ideologia de subordinação às crianças negras. Da mesma forma, hooks indica a importância do movimento feminista no âmbito da educação:

[...] os questionamentos feministas ao patriarcado e a sua insistência na crítica à primazia de pensadores homens e seus trabalhos foram uma insurreição que



resultou em grandes mudanças. Quando a crítica de raça e de classe social foi acrescida à de gênero, todos os preconceitos passaram a ser questionados. Para professores e estudantes progressistas, tratou-se de uma verdadeira revolução, que possibilitou a muitos de nós ingressar em áreas de estudos que antes eram vistos como arenas disponíveis apenas para homens brancos privilegiados (hooks, 2020, p. 54).

Da mesma forma, para a autora, as lutas do movimento feminista também possibilitaram o acesso de negros às universidades. Contudo, mesmo esse acesso sendo um direito, muitas vezes ele se apresentava como favor ou paternalismo. Essa onda de resistência, ressalta hooks, também é devedora de uma série de pensadores e militantes anticoloniais que povoaram o cenário daquela época, tais como Frantz Fanon e Amílcar Cabral, entre outros, bem como a leitura de Marx, que foi, também, predominante e decisiva. Nesse contexto, emergiram as posições relacionadas à interseccionalidade e à necessidade do reconhecimento social:

[...] algumas pessoas batalhavam para reunir raça, gênero e classe de maneira que pudéssemos realmente examinar nosso mundo a partir da compreensão de como a diferença se articulava politicamente em nossa vida diária, [bem como] a conexão entre o destino político de cidadãos negros dos Estados Unidos e de pessoas negras do continente africano (hooks, 2020, p. 55).

É nesse universo multicultural que hooks faz referência a Paulo Freire e a seu livro *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*, realçando o quanto ele contribuiu para a percepção da marginalização cultural dos colonizados exercida pelos colonizadores. Foi a partir desses pilares que se desenvolveu uma mentalidade descolonizadora e a valorização da cultura negra/não branca, bem como o acesso a instituições educacionais da cultura dominante do colonizador. Contudo, assevera hooks, há que se manter atento, pois esse movimento de libertação do machismo, do racismo e da exploração de classes é um processo contínuo, que sofre o constante perigo de cooptação por parte da cultura e da mentalidade do colonizador, principalmente na área da educação, na qual “as recompensas oferecidas pela hierarquia educacional dominante reduzem os esforços de resistência e de transformação da educação” (hooks, 2020, p. 59).

É assim que hooks compreende a possibilidade de a educação ser ou se tornar uma “ferramenta de colonização” (2020, 61). E em larga medida, por meio do ensinamento que nega a importância e até mesmo a existência de pensadores e pensadoras negras, mulheres filósofas ou a importância e a beleza da cultura dos povos originários, mas sempre na perspectiva da valorização da cultura do colonizador e do homem branco e heterossexual, reforçando preconceitos racistas, de gênero, de classe social e sexistas via o ato de ensinar. Daí a necessidade do ensinamento crítico anti-hegemônico que, ao questionar o conservadorismo de alguns educadores, afirma a existência de escritores e escritoras negras e mulheres filósofas e pessoas LGBTQI+.

Para hooks, os preconceitos de machismo, homofobia, transfobia, racismo etc que habitam os professores e são repassados para os estudantes, exigem e cobram desses professores que voltem a ser estudantes e tenham a humildade de aprender a multiplicidade dos saberes e das existências. A esse respeito, hooks evoca a lembrança de um colega:

Na faculdade onde leciono, um professor branco de sociologia se orgulhava do fato de que, no início do curso, dizia aos estudantes que o foco seria classe social, não raça e gênero. Provavelmente, ele queria dizer que, como os velhos esquerdistas, só focalizaria economia, como havia sido treinado a fazer. Talvez ele não quisesse que os estudantes analisassem a miríade de maneiras pelas quais raça e gênero fundamentam a construção da classe em nossa sociedade. Ou talvez, com um típico



pensamento supremacista branco e patriarcal, ele estivesse seguro de que raça e gênero realmente não afetavam as relações de classe. Seu aviso autoritário, com efeito, silenciava os estudantes que nem mesmo levantavam questões (hooks, 2020, p. 64).

Outra ferramenta importante para a pedagogia engajada, conforme enfatiza a filósofa, é a que ela chama de conversação. Aprender e conversar juntos mostra que se rompe com a noção de que a aquisição de conhecimento é “particular, individualista e competitiva. Ao escolher o diálogo, nós nos envolvemos mutuamente em uma parceria na aprendizagem” (hooks, 2020, p. 81), a qual produz aprendizes, professores e estudantes autônomos, que participam da produção e compartilhamento de ideias que podem conduzir ao pensamento crítico.

O ensino sem diálogo não favorece o aprendizado. Ao contrário, as conversas se mostram potentes ferramentas de ensino, dentro e fora da sala de aula, além das conversações serem extremamente democráticas. O monólogo, como a palestra ou a aula expositiva convencional não se apresenta muito fértil no aprendizado. Um dos motivos é que, tradicionalmente, a maioria do público “não tem a habilidade de ouvir ativamente” e não “dispõe de habilidades básicas de comunicação, porque, na maior parte do tempo, são consumidoras passivas de informação” (2020, p. 83), seja de computador, seja de televisão. Outro motivo que justifica a importância da conversação, que deve ser base na educação, vem relacionado ao combate à perpetuação do patriarcado:

Várias teorias feministas que examinam com olhar crítico as construções de masculinidade demonstram que, para fazer garotos se tornarem adultos patriarcas, a sociedade os treina para valorizar o silêncio acima da fala. Eles podem acabar se tornando pessoas que ou não sabem falar ou, quando falam, somente conseguem se engajar num monólogo. Essas são as pessoas que impõem sua fala, que, ao se recusarem a conversar, promovem e mantêm uma hierarquia de dominação em que a retenção dá a uma pessoa poder sobre a outra (hooks, 2020, p. 83).



Apoiada também em Paulo Freire, hooks reforça a importância da conversação no ato educativo, lembrando que este grande educador dizia que não devemos entrar na luta como objeto para sair como sujeito, mas sim já entrar como sujeito. Por isso, é importante se “encontrar e ter uma voz. Falar, ser capaz de nomear, era uma forma de reclamar para si a posição de sujeito” (hooks, 2020, p. 83). Nesse âmbito, quase sempre os estudantes são calados no processo educativo:

Vários estudantes frequentemente sentem que não têm voz, que nada do que dizem vale a pena ser ouvido. Por isso é que a conversa se torna uma intervenção tão importante, porque não só abre espaço para todas as vozes como também pressupõe que todas as vozes podem ser ouvidas (hooks, 2020, p. 83).

Para hooks, quanto mais diversa é a sala de aula, mais importante é basear o aprendizado na conversa. Contudo, as conversas não devem ter por base as discussões que disputam a posse da verdade, mas sim conversas que possibilitem abrir a mente para outras perspectivas de compreensão. Ou seja, o diálogo fomentado pela conversação não deve ser uma disputa e sim compartilhamento de ideias que nos transformem e nos possibilitem que possamos compreender mais efetivamente o lugar do outro: “Tenho esperança de que futuros educadores conversem cada vez mais, entre si e com os estudantes, de modo que o modelo da conversação enquanto caminho para o aprendizado seja considerado legítimo como espaço genuíno para o pensamento sério e rigoroso” (hooks, 2020, p. 86).

Além da conversação, outra atividade que a filósofa considera muito potente para o exercício da pedagogia engajada na produção do pensamento crítico é a contação compartilhada de histórias. A contação de história valoriza a vida e a experiência pessoais de quem as conta, seja professor ou aluno. Indo na contramão da exigência acadêmica pretensamente científica da valorização da objetividade, a narrativa pessoal potencializa o aprendizado por envolver sentimentos e levar a uma paixão mais genuína pela teoria. A contação de histórias pessoais aproxima as pessoas e as ajuda a despertar o pensamento crítico, bem como desperta as emoções quando ouvimos a voz de quem conta a história, envolvendo os sentidos do corpo no aprendizado. Assim,

Uma das formas de nos tornarmos uma comunidade de aprendizagem é compartilhar e receber as histórias uns dos outros; é um ritual de comunhão que abre nossas mentes e nossos corações. Quando compartilhamos de formas que contribuem para nos conectar, conhecemos melhor uns aos outros (hooks, 2020, p. 92).

Outro aspecto da importância da contação de história é seu aspecto terapêutico que, como a fala e a escuta, possibilita uma catarse que nos aproxima do que está sendo estudado: “Na sala de aula conectamos nossas histórias ao material indicado, usando-as para iluminar o trabalho. Trazer a inteligência emocional para a contação de histórias aumenta nossa consciência e percepção” (hooks, 2020, p. 93). Contar histórias das experiências pessoais pode ser um rico começo para o processo de construção de uma comunidade em sala de aula. Ao diminuir a competição em sala de aula, a contação de história “promove uma atmosfera de cooperação e escuta profunda” (hooks, 2020, p. 100). E essa interação de sentimentos e conhecimentos é importante porque “a competição em sala de aula diminui todo mundo. Reduz o aprendizado a um espetáculo, exigindo que alguns estudantes sejam meros observadores passivos enquanto outros dominam o debate” (hooks, 2020, p. 99).

Outro elemento importante nesse conjunto de fatores da pedagogia engajada e a produção do pensamento crítico é a imaginação. Quase sempre, a predominância do compartilhamento de fatos e informações nos cursos acaba por desconsiderar a imaginação e sua potencialidade no aprendizado, na vida pessoal e na política. A sociedade pautada nas mídias tecnológicas tende a inibir os processos criativos na medida em que o homem passa a ser mais um receptor passivo de informações. Até mesmo as crianças que são estimuladas em seus processos criativos, quando crescem são levadas à uma acomodação do pensamento imaginativo, pois “a imaginação é vista como perigosa, uma força que possivelmente impediria a aquisição do conhecimento. Quanto mais alto uma pessoa sobe na escada do aprendizado, mais pedem que ela esqueça a imaginação” (hooks, 2020, p. 104).

A produção espontânea de pequenos textos e seu compartilhamento em uma leitura em voz alta, por exemplo, são excelentes meios de incentivo à imaginação coletiva em sala de aula, segundo hooks. No entanto, o papel da imaginação é ainda mais amplo, abrangente e fundamental, pois influencia até mesmo as mudanças políticas e sociais:

Todos os movimentos por justiça social (antirracismo, feminismo, direitos dos homossexuais) insistiram no reconhecimento de que o pessoal é político. Na atual crítica à cultura do dominador, pensadores e/ativistas dedicados a transformar a sociedade de forma que todas as pessoas possam ter igual acesso aos direitos humanos básicos têm chamado atenção para a ‘colonização’ da mente e da imaginação. Eles têm enfatizado os vários modos pelos quais indivíduos de grupos oprimidos e/ou explorados foram socializados para nutrir o auto-ódio e, como consequência, não puderam começar a crescer e se tornar cidadãos responsáveis sem primeiro passar por uma mudança de consciência. Essa mudança, em geral,



exige que se aprenda a pensar fora da caixa. A fim de pensar fora da caixa, é necessário mobilizar a imaginação de formas novas e diferentes (hooks, 2020, p. 105).

Para nossa pensadora, a imaginação possibilita vislumbrar o que pode vir a existir diferente do que existe, pois “o que não podemos imaginar não pode vir a ser” (hooks, 2020, p. 103). Nesse sentido, podemos pensar na imaginação como “uma das formas mais poderosas de resistência que pessoas oprimidas e exploradas podem usar e usam” (hooks, 2020, p. 105), pois apontam para a possibilidade de mudança e transformação de um *status quo* que oprime e desconsidera os direitos civis e sociais das pessoas. Por isso, “as pedagogias engajadas e expansivas [...] só podem acontecer quando desencadeadas pela imaginação criativa” (hooks, 2020, p. 106). É necessário exercer a imaginação criativa na comunidade de aprendizagem para desenvolvermos perspectivas diferentes e alternativas às condições sociais existentes. Ou seja, o exercício da imaginação criativa na pedagogia engajada é possibilidade de construção e exercício efetivo de uma cidadania mais democrática. Há, portanto, uma ligação direta entre a escola, a imaginação e o exercício político.

O humor também é muito valorizado por hooks na pedagogia engajada e sua produção do pensamento crítico. Nessa perspectiva, o humor se mostra também na contramão da sisudez racionalista, acadêmica e pedagógica e, assim, ajuda a criar uma atmosfera de abertura do pensamento, unir grupos e proporcionar uma pausa na tensão dos estudos e das discussões acirradas, proporcionando uma retomada de estudo mais agradável, favorecendo a comunidade de aprendizado em sala de aula. É explícita no pensamento da filósofa a valorização dos sentimentos no aprendizado que caracteriza a pedagogia engajada.

No Ensino 14, Hora de chorar, do livro *Ensinando pensamento crítico...*, em um tom de narrativa pessoal, hooks fala de seus medos e humilhações sofridos no contexto da dessegregação das escolas, na sua época de criança, e da sua solidão de estudante negra na sala de aula da graduação, em uma universidade para brancos. Creio que todas essas vivências deram a hooks a consciência da necessidade de deixar caírem as lágrimas quando o coração pesava absurdamente molhado no peito, sentindo a exclusão e a marginalização que condenam uma vida, seja por motivos de raça, gênero ou classe social. Muitos professores ficam indiferentes ao choro trazido pela tristeza, seja em colegas seja em estudantes, pois, afinal, para o pensamento racionalista predominante, a escola não é lugar de choro e sim o lugar da razão! Mas hooks pensa diversamente:

A consciência emocional e a expressão de emoções necessariamente têm espaço dentro da sala de aula. Ainda assim, a maioria dos professores prefere que não haja qualquer choro ou outra demonstração intensa de sentimentos passionais. Professores simplesmente não foram treinados para saber como reagir de maneira construtiva quando confrontados por demonstrações de sentimentos de seus estudantes angustiados. Se fôssemos treinados para valorizar a inteligência emocional como parte do que é ser professor, talvez fôssemos mais capacitados para usar com habilidade as emoções em classe (hooks, 2020, p. 132).

Para hooks, somos proibidos ou ensinados a evitar todas as demonstrações de intensidade emocional em sala de aula, pois sua expressão seria um questionamento da hierarquia predominante que afirma a suposta superioridade da razão sobre o corpo e as emoções. Ou não teríamos corpo e sentimentos ou teríamos que submetê-los à razão. A liberação dos afetos poderia ser revolucionária. Contudo, talvez por isso, as emoções sejam tão negadas e manipuladas: “Se permitirmos a possibilidade de lágrimas, uma insurreição de conhecimento subjugado pode ocorrer” (hooks, 2020, p. 134). Ademais, num quadro



social capitalista e neoliberal, todos os afetos devem existir em função do auto empreendedorismo que, por sua vez, deve contribuir para a ampliação do Capital.

Da mesma forma, a liberdade de expressar os sentimentos é tão importante quanto a liberdade de expressão e o direito de discordar em sala de aula, pois aprender a lidar com o pensamento discordante e o conflito advindo daí faz parte do jogo democrático, esse aprendizado pode e deve ser aprendido também em sala de aula. E é a convivência com pensamentos e opiniões diferentes dos seus que preparam a mente para uma abertura radical do pensamento e para uma sociedade democrática. Inversamente, são os comportamentos egocentros e autoritários, autorizados e ensinados por certas instituições escolares, que “banalizam e enfraquecem a educação democrática como prática da liberdade” (hooks, 2020, p. 140).

### Conclusão

Nos outros dois volumes que compõem a trilogia sobre a educação, também estão presentes alguns elementos e características presentes no *Ensinando pensamento crítico...* Tais como: o título de Ensino em alguns capítulos, no *Ensinando comunidade...*; a presença maciça de diversas categorias presentes nos três livros, principalmente pedagogia engajada, pensamento crítico e prática de liberdade; e, principalmente, o que tentei realçar no presente artigo, ou seja, a relação estreita entre a vida de hooks e o desenvolvimento de suas reflexões. A experiência vivida no segregacionismo norte americano pulsando em suas veias e vivificando a consciência sobre a justiça da luta contra o racismo; o acontecimento da presença na escola de professores envolvidos com o movimento social em defesa dos direitos civis despertando sua atenção para a possibilidade da justiça social e democrática; a dor e a revolta da exclusão por ser negra em uma universidade para brancos semeando nela a esperança para uma transformação da educação, a qual encontrará eco nas palavras de Paulo Freire.

Essa ligação estreita entre a experiência e a construção teórica de hooks está expressa fortemente na referida trilogia educacional. Nisso reside beleza e esperança: beleza por ser uma transmutação da dor de ser inferiorizada em reconhecimento de sua própria grandeza; esperança por ser uma compreensão teórica que se propõe como luta prática. Assim, também, e a partir daí, seu auto reconhecimento toma uma forma social coletiva que só se compreende como política de liberdade e igualdade. É um processo que me lembra demasiado algumas das passagens do livro *As viagens de Gulliver*, de autoria de Swift. Na ilha de Lilliput, Gulliver se sentia gigante diante dos seus minúsculos habitantes, os lilliputeanos, mas já em outro lugar, Brobdingnag, ele era pequeno em meio aos gigantes desta outra ilha.

Essa comparação abre um leque de esperanças, pois permite pensar que o poder não tem efetivamente uma carga metafísica e sim situação temporal, histórica e geográfica e envolve pessoas. Talvez por isso, minha bell gulliver hooks tenha compreendido, a partir do que viveu, o valor dos sentimentos na aprendizagem, a falsidade das hierarquias auto estabelecidas e do discurso do poder auto intitulado universal. Sejam esses poderes vestidos com os nomes de sexismo, racismo ou neoliberalismo, haveremos de caminhar e descobriremos uma ilha na qual conviveremos com as diferenças de alturas, de amores e de cores.

### Referências

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**; tradução Bhuvan Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.



\_\_\_\_\_. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança; tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Tradução de Maria Luiza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Editora Planta, 2004.

MARINHO, Cristiane M. **Processos de subjetivação, governamentalidade neoliberal e resistência**: uma leitura a partir de Michel Foucault e Judith Butler. 2020. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11098>>. Acesso em 11 abr. 2022



MARINHO, Cristiane Maria. BELL HOOKS: PEDAGOGIA ENGAJADA, PENSAMENTO CRÍTICO E PRÁTICA DA LIBERDADE. **Kalagatos**, Fortaleza, Vol.19, N.1, 2022, eK22002, p. 01-21.



Recebido: 02/2022  
Aprovado: 03/2022